

DUAS PERSONAGENS DIANTE DO ESPELHO: UMA REFLEXÃO SOBRE O DUPLO

Mestranda Nilza de Campos Becker¹ (PUC-SP)

RESUMO: *Há, entre a contística de Machado de Assis e a de Edgar Allan Poe, uma variada rede de aproximações, tanto em relação à organização estrutural quanto à exploração de temas, tais como o espelho e o duplo. Neste trabalho, é estabelecido um diálogo entre os contos “O Espelho”, do autor brasileiro, e “William Wilson”, do norte-americano, tendo como ponto de partida a eleição, comum nos dois autores, do mito do duplo. Para isso, empreende-se uma análise da presença do duplo na estrutura dos contos, como também na composição das personagens. Conclui-se que o mito do duplo, revisitado nesses dois contos, além de levantar questões identitárias (fragmentação do eu, confronto do eu com o outro), solidifica a confluência temática e técnica desses autores.*

Palavras-chave: duplo, espelho, identidade, alteridade

Introdução

Esta comunicação tem por objetivo focalizar, nos contos “O Espelho”, de Machado de Assis, e “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, a presença do duplo, um dos grandes mitos produzidos pela humanidade. O primeiro conto tem como subtítulo *Esboço de uma nova teoria da alma humana*, e é um dos contos da obra **Papéis avulsos**, publicado na Gazeta de Notícias, em 1882. A palavra **avulsos** remete à idéia de fragmentação, subjacente em toda a obra machadiana. O segundo conto consta da obra **Histórias Extraordinárias**, cuja publicação ocorre em 1848.

O duplo é um recurso utilizado por esses autores, na estrutura dos contos e na composição de suas personagens. Estabeleceremos assim, um paralelo entre os dois contos, pois ambos têm a mesma temática: suas personagens, ao se colocarem diante do espelho, numa situação limiar, passam por uma crise de identidade que as conduz a diferentes caminhos. Verificaremos então, a possibilidade de considerarmos o espelho um marco nos dois contos, visto ser o elemento deflagrador do problema identitário nos protagonistas.

Inicialmente, discutiremos a respeito da confluência da obra de Machado de Assis com a de Edgar Allan Poe. Para melhor entendermos a questão do duplo, remontaremos às suas origens. Verificaremos a seguir, de que forma a constatação do sinal de alteridade e a instauração de uma outra voz interferem na construção das personagens. Analisaremos, assim, o papel do espelho em relação à presença do duplo, e procuraremos descobrir o que se acha camuflado sob o signo do espelho, constituindo-se ele, uma metáfora. Refletiremos, a seguir, sobre a questão da alteridade e da identidade, verificando se o duplo nos dois contos evolui de forma similar.

Os principais conceitos que fundamentam esse trabalho referem-se ao gênero conto e ao duplo. Em relação ao conto, foram consideradas as idéias expostas por Píglia a respeito da duplicidade do conto. Quanto ao duplo, realizaremos a análise dos contos, à luz das idéias sobre cisão do uno, expostas em **O Banquete**, de Platão e dos conceitos emitidos por Nicole Bravo, no **Dicionário de Mitos**. Para a análise dos contos teremos

¹ Nilza de Campos Becker. Mestranda (PUC-SP) nzcb@hotmail.com
Pontifícia Universidade Católica – Programa: Literatura e Crítica Literária (poslcl@pucsp.br)

como referência os conceitos de Bakhtin sobre alteridade, expostos por Carlos Alberto Faraco, e algumas noções sobre identidade, a partir das idéias de Stuart Hall.”.

1. Confluências de Machado de Assis com Edgard Allan Poe

Patrícia Lessa Flores da Cunha (1998), autora de **Machado de Assis, um escritor na capital dos trópicos**, levanta a questão da confluência e alteridade em Poe e Machado. Cunha (1998, p.79-80), declara que o duplo permeia toda a produção de Machado de Assis referente ao gênero conto. Para essa autora, a dubiedade na contística machadiana tem raízes mais profundas, relacionando-se com a posição de Machado de Assis no panorama da literatura brasileira de sua época. Averso ao projeto de uma literatura romântica, de cunho ingênuo, moralista, em vigor na ocasião, Machado de Assis propõe um fazer literário que deixa entrever sutilmente, nas entrelinhas do texto, a percepção de uma sociedade em processo de formação, ainda vinculada às influências europeizantes, mas em busca de uma identidade. Cunha afirma que Machado escreve seus contos na tentativa de superar a situação vigente da literatura nacional e “desmascarar a farsa” da vida provinciana urbana do Rio de Janeiro; essa autora acrescenta que a mencionada farsa levanta a questão do duplo.

O duplo é uma temática constante também na obra de Edgard Allan Poe, como podemos verificar no conto “Willian Wilson”. Edgard Allan Poe aplica a “regra binária” na construção das personagens: virtude e vício, atração e repulsa, que constituem exemplos do aspecto dual presente nesse conto.

O motivo do duplo, na contística de Machado de Assis, desponta logo no início, quando o escritor publica seus primeiros contos. No seu segundo conto, publicado em 1862, intitulado *O País das Quimeras* e cujo subtítulo é *Conto fantástico*, o poeta Tito, o protagonista, revela-se como uma personagem dúbia e contraditória.

Podemos observar também, a presença de citações referentes à obra de Poe, nos textos machadianos: no conto *Uma Excursão Milagrosa*, datado de 1866, surge, na introdução, segundo Cunha, a primeira das referências nominais a Poe. Machado de Assis faz alusão, nesse conto, às “histórias extraordinárias de Poe”, fato que sugere sua leitura das traduções que Baudelaire fizera dos contos de Edgard A. Poe. No mesmo conto, o narrador, ao discorrer sobre histórias de viagens, afirma que “viajar é multiplicar-se”.

Além das citações, outro fato que comprova ser Machado de Assis conhecedor da obra de Poe, é sua tradução de *O Corvo*, desse mesmo autor, incluída em seu livro de poesias intitulado **Ocidentais** e incorporada posteriormente às **Poesias Completas**. No conto “O Espelho”, o alferes, invadido por uma profunda angústia, ao se encontrar só, no sítio da tia Marcolina, concentra sua atenção no Tic-Tac do relógio que, segundo essa personagem parece dizer “*Never, for ever! – For ever, never!*”. A palavra **never** aparece repetidas vezes em *O Corvo*, cuja tradução é *The Raven*. Jakobson (1973, p. 152), ao analisar *The Raven*, afirma ser Poe o mestre do “escrever às avessas”, pois, a palavra **Raven**, “contígua ao desolado refrão never”, surge, segundo o autor, como uma “imagem especular corporificada deste never : /n.v.r./ - /r.v.n/ ”.

Portanto, Machado de Assis já tinha tido contato com a obra de Edgard A. Poe ao escrever seus contos, revelando, veladamente, as fontes que o auxiliariam a compor a temática de sua contística. Dessas fontes, ele extraía material para elaboração de sua obra, procedendo a um trabalho de recriação e transformação, imprimindo-lhe desta forma, uma identidade própria.

Na obra de Machado de Assis, ocorre a “**deformação**”, isto é, o deslocamento e os ajustes necessários à incorporação de novos conceitos inerentes ao universo poeano, sendo preservada, no entanto, a diversidade característica de sua obra. Nesse sentido, o termo “deformação” foi utilizado por Antônio Cândido (1989), em *A Educação pela noite e Outros Ensaios*, ao se referir à recepção das obras de Charles Baudelaire, cuja influência foi decisiva nos anos de 1870 e início de 1880.

1.1 Ricardo Píglia e a duplicidade da história

Em “O Espelho”, assim como em “William Wilson”, na medida em que os contos evoluem, acham-se esparsos, pelo texto, indícios que sugerem a existência de uma segunda história, colocada nos interstícios da primeira e que pode ser detectada pelo leitor.

Ricardo Píglia (1994, p. 37), um estudioso do conto afirma, em *Formas Breves*, que “um conto sempre conta duas histórias”: uma evidente e outra secreta; a primeira é visível e a segunda, desenvolve-se paralelamente à primeira e já se encontra nela indiciada. Píglia (2004, p. 106) afirma que “uma história pode ser contada de maneiras distintas, mas sempre há um duplo movimento, algo incompreensível que acontece e está oculto.”

É o que podemos observar nos contos “O Espelho” e “William Wilson”, cujas histórias paralelas são construídas com índices que o autor, propositadamente, coloca nas entrelinhas do texto, cabendo ao leitor decifrar o que se acha escondido sob os signos. Para Machado de Assis, assim como para Poe, nada é colocado em excesso; todos os dados têm sua razão de ser para que o leitor possa desvendar os múltiplos sentidos do conto.

Em relação à história visível do conto “William Wilson”, a narrativa é feita pelo protagonista que, nas primeiras linhas, transmite a idéia de estar vivendo os momentos finais de sua existência, e todo o seu passado lhe vem à mente. Ele se recorda de sua infância e do colégio onde estudara. É nesse ambiente lúgubre, de aspecto decadente que ele conhece um colega, com o mesmo nome e aparência, que vem a ser o único a não se sujeitar aos seus caprichos. Por esse motivo, ele o abomina e tenta a todo custo prejudicá-lo. A arquitetura da velha casa onde estudara, exibia os inúmeros labirintos, repletos de cantos, levando o menino a guardar uma idéia fragmentada desse período de sua vida, reconhecendo-se naquele estranho, pela semelhança de traços e nomes, como se ele fizesse parte de si mesmo.

Em “William Wilson”, a segunda história acha-se embutida na primeira e revela o homem em confronto com sua consciência, rebelando-se contra qualquer forma de moralismo ou dominação.

Em Machado de Assis, como em Poe, o **ser** e o **parecer** estão em constante conflito. Em “William Wilson”, ora o protagonista quer convencer o leitor de que se trata dele mesmo, ora afirma ser Wilson quem agonizava e não ele: “Foi o que me pareceu, repito, mas não era. Era meu adversário, Wilson, que diante de mim se contorcia em agonia” (POE, 1978, p.107). Nesse jogo de afirmação e negação, o narrador revela algo, mas depois dá outra versão, diferente da anterior; é nesse jogo que reside a passagem da primeira à segunda história e vice-versa.

No conto “O Espelho”, Machado de Assis relata uma história, que traz em seu bojo uma outra implícita, sugerida pelo autor, graças aos índices por ele deixados ao longo da narrativa. A história visível, segundo a denominação de Píglia, acontece numa casinha no morro de Santa Tereza, onde cinco homens encontram-se reunidos, à luz de velas, para discutir questões metafísicas.

A segunda história tem como fulcro a ambivalência do homem entre o ser e o parecer que, no conto “O Espelho”, assume proporções de uma crise de identidade. É a metáfora do espelho, que reflete uma imagem semelhante à daquele que se mira, mas que vem a se constituir um outro, muitas vezes estranho a si mesmo. Jacobina não se reconhece no espelho sem sua farda. Longe daqueles que o admiravam e isento do olhar de aprovação do outro, sente-se nu diante do espelho, despojado de seu verdadeiro eu, consumido pelo alferes. “O alferes eliminou o homem” (p.263), afirma o narrador. Em relação a essa personagem, o outro passa a se constituir a partir do olhar alheio, do qual ele necessita, para se sentir uno.

Carlos Alberto Faraco, (2005, p. 43), ao refletir sobre as idéias de Bakhtine a respeito da alteridade, afirma:

... quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro.
Essas reflexões todas têm, como pano de fundo, o pressuposto bakhtiniano forte do primado da alteridade, no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir.

Jacobina sente a necessidade de se ver com olhos alheios, que elevam sua auto-estima e lhe dão credibilidade. No entanto, William Wilson, protagonista do conto de Poe, repudia o olhar de comiseração do outro, e por essa razão o elimina, inviabilizando, portanto, a alteridade.

2. O duplo: confronto do eu com o outro

A idéia de duplicação, segundo Juan-Eduardo Cirlot (1984, p. 217), diz respeito ao sistema binário, “à dualidade, à contraposição e ao equilíbrio ativo de forças.” O duplo constitui um dos grandes mitos produzidos pela humanidade.

O mito do duplo tem suas origens vinculadas a um passado longínquo. No Gênesis, o homem inicialmente é uno; a cisão em dois resulta num enfraquecimento. Esta idéia, segundo Nicole Bravo (1997), é abordada em **O Banquete** (2002), de Platão, a partir do qual a autora explica que “o homem desdobrado, a mulher desdobrada ou o andrógino representavam a união primitiva, o estado de perfeição a que os homens põem fim quando ameaçam os deuses: a bipartição é o castigo infligido pelos deuses.” (p 262).

Na referida obra, Platão (2002, p. 120-122) descreve a divisão do andrógino em homem e mulher, efetuada por Zeus:

Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre as duas pernas [...] desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada querer fazer longe um do outro.

O mito do duplo passou por transformações ao longo dos séculos; na Antiguidade, ele acha-se associado à figura do homogêneo, envolvendo a semelhança

física entre as personagens e os decorrentes problemas de identidade. Na literatura, os gêmeos constituem a primeira forma de duplo, dando margem a situações confusas.

Ao longo dos séculos, o duplo como figura do homogêneo continuou a ser explorado, principalmente quando eram abordadas as questões da semelhança entre dois seres e da usurpação da identidade.

No período Renascentista, harmonia e ordem eram os ideais que regiam a arte clássica. Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2002, p. 466)), o Renascimento exprime uma nova concepção de homem, exaltando sua dignidade, beleza, estilizando sua figura heróica e sublime. A crise do Renascimento gera uma crise do humanismo, expressando, por conseguinte, uma concepção pessimista do homem e da vida. A revolução científica do século XVII provoca uma ruptura, uma nova postura diante do mundo. Descartes instaura a dúvida, acentuando o “caráter absoluto e universal da razão”, cuja consequência “é o dualismo psicofísico (ou dicotomia corpo-consciência), segundo o qual o homem é um ser duplo” (Arruda Aranha & Pires Martins, 1986, p. 168).

As obras de William Shakespeare (1564-1616) e de Miguel de Cervantes (1547-1616), por suas construções simbólicas, representam uma abertura para a interioridade do ser. No século XVII, **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes, constitui-se um marco, que processa a transição da concepção homogênea do duplo para a heterogênea, promovendo, na literatura, a divisão do eu e, como decorrência, a fragmentação do duplo. A partir de então, a noção da unidade do sujeito deixa de existir e o duplo passa, no Ocidente, a estar ligado à relação binária sujeito-objeto. D.Quixote revela sua ambigüidade, apresentando simultaneamente seu lado cômico e trágico, ridículo e sublime.

A busca da identidade, ou seja, do eu autêntico pelo herói, é retratada, segundo Bravo (1997, p. 272), por E.T.A. Hoffman (1776-1822) em *O homem da Areia*. Chamisso, escritor e naturalista alemão de origem francesa lança, em seu conto filosófico “A estranha história de Peter Schlemihl” (1814), a idéia do duplo exterior, representado pela sombra, ou seja, a imagem social do indivíduo, que se opõe à alma, isto é, à identidade profunda.

É no século XIX, em pleno romantismo, que o mito do duplo, na literatura, atinge seu apogeu. Na Alemanha, chamam-no Döppelgänger, “o duplo de antiga tradição, o inconcebível e abominável Outro-igual-ao-Mesmo.” (Kiefer, 1995, p. 35).

2.1 O espelho e a crise de identidade

O confronto do eu com o outro acha-se relacionado, nos dois contos, com a presença de um elemento marcante e decisivo. Trata-se do espelho, que concretiza a idéia do duplo, pois ele reproduz a imagem do outro. É esse duplo, oriundo da mente de quem se observa no espelho, que ocasiona o conflito dos protagonistas dos contos “O Espelho” e “William Wilson”.

Diante do espelho, muitas vezes nos vemos com o olhar alheio. O espelho, embora seja um objeto real, concreto, tangível, joga com a questão do duplo por ser passível à criação de diferentes realidades e é, por essa razão simbólico, pela multiplicidade de sentidos que pode suscitar.

É o olhar das personagens em relação a seu duplo que vai determinar a natureza do relacionamento com o outro contido em si mesmo. A imagem reproduzida e processada na mente daquele que se coloca diante do espelho, poderá exercer um poder de atração ou repulsa.

Nos dois contos analisados, seus autores constroem uma metáfora relativa ao espelho, pela relação de semelhança entre o original e a cópia, isto é, entre aquele que se coloca diante do espelho e sua imagem por ele reproduzida.

Outra figura de retórica explorada em ambos os textos é a metonímia, pela presença do outro, que nada mais é do que uma parte do todo, que nos contos analisados, num dado momento, emerge da própria natureza da personagem, e toma tamanha dimensão, sobrepondo-se, no caso do alferes, ao outro eu, impedindo-o de se manifestar. E por uma questão de sobrevivência, Jacobina adere à farsa da máscara. Em “William Wilson”, essa parte do indivíduo torna-se conflitante e passa a representar um perigo para a sobrevivência do todo. O episódio do espelho, nos dois contos é, portanto, o marco divisório que deixa nítida a fragmentação das personagens.

Diante do espelho, William Wilson, tomado por uma indizível sensação de pavor, reconhece, num primeiro momento, sua imagem ensangüentada, cambaleante, caminhando em sua própria direção. Nessa passagem, Poe joga com a questão da identidade, ao fazer o narrador reconhecer seu engano, pois, para ele, quem ali se encontrava mortalmente ferido, era seu adversário, que parecia ser ele, mas não era.

A crise dos protagonistas, nos dois contos estudados acontece, desta forma, diante do espelho. Ele é, pois, o elemento marcante do conto que propicia a metamorfose da personagem e o desvelamento do duplo.

Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar por no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... (ASSIS, 1955, P. 262)

A dificuldade em se olhar no espelho justifica-se pelo terror de ver sua unidade cindida:

Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária ... no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra ... (ASSIS, 1955, p. 269)

Como pudemos verificar, nos dois contos analisados, o espelho tem um papel preponderante no processo de desencadeamento da crise de identidade de Jacobina e William Wilson.

2.2 William Wilson e a eliminação do outro

Estruturalmente, o conto “William Wilson” caracteriza-se pela duplicação, pois se acha dividido em duas partes: a primeira compreende a fase da infância e juventude passadas no colégio. A segunda inicia-se com a experiência vivida pelo garoto ao descobrir que seus traços e os do seu homônimo eram idênticos. O nome do protagonista apresenta uma estrutura binária; trata-se de um nome composto por duas palavras, ambas iniciadas pela consoante “w”.

O duplo carrega em si uma grande carga de subjetividade. Ele é ambíguo por excelência. Essa ambigüidade permeia todo o conto e reflete na composição das personagens.

No conto “William Wilson”, a introdução do homônimo do protagonista gera, desde o princípio, uma série de questionamentos a respeito de sua origem, de seus objetivos em relação ao narrador e até mesmo de sua existência. O próprio narrador sente-se perplexo face ao aparecimento inesperado do colega e se pergunta se estaria vivendo uma ilusão. Às vezes, o protagonista parece não reconhecer o outro como parte de si mesmo e indaga secretamente sua alma sobre sua procedência: “Quem é ele? De onde vem? Qual o seu objetivo?” (POE, 1978, p. 104) e se decepciona ao não obter resposta alguma. Nessa circunstância, o outro lhe aparece como um espectro, uma “figura fantasmagórica”.

No conto “William Wilson”, o narrador aparece em primeira pessoa; o eu é explícito e designado pelos pronomes que a ele se referem; este “eu”, além de narrador, manifesta-se no plano do narrador-personagem, visto que William Wilson vivencia e relata a singular experiência da fragmentação do eu e da crise advinda do confronto do eu com o outro.

O último encontro entre William Wilson e seu homônimo, na escola, na primeira fase de suas vidas, é significativo e representa uma ruptura que evidencia a heterogeneidade do duplo. William Wilson, ao se reconhecer nos traços do colega, foi invadido por uma sensação horripilante, como se estivesse diante de um espelho, sentindo-se estranho a si mesmo. A descoberta do outro leva-o a uma crise de identidade.

Esse fato representa, para William Wilson, o desligamento de sua infância e adolescência. A velha escola, com seus labirintos, simboliza para Poe a mente humana, com seus insondáveis e misteriosos caminhos, onde se instalam os temores do indivíduo. É a face sombria do homem que Edgard Allan Poe desvenda em seus contos, é essa “presença obscura de Poe, uma latência de Poe” que se encontra, segundo Julio Cortazar (2004, p. 104), “em algum lugar de nossa pessoa”.

Assim, Poe constrói uma personagem em simbiose com seu ambiente, que o acolhe e processa as interferências necessárias à formação do seu caráter. É nesse universo labiríntico que se desenvolve o jovem William Wilson, cuja mente parece assimilar a atmosfera da casa e penetrar em seus insondáveis e tortuosos caminhos. Reconhecemos, nesse conto de Poe, uma nova vertente narrativa, já mencionada por Lúcia Santaella (1985), em seu “Estudo Crítico” sobre Edgard Allan Poe: trata-se da **novela psicológica**. Observamos a viagem interior processada pelo protagonista, que se depara com o outro eu, proveniente de sua própria mente. A luta entre ambos é inevitável, uma vez que o outro pode ser interpretado como a representação da consciência de William Wilson. O protagonista, no entanto, renega o “eu regenerador”, como se fosse um estranho, um “outro”.

O conto revela a crise de identidade de um homem, em constante luta entre o Bem e o Mal, até deixar que um deles prevaleça e conduza seu próprio destino. Esse conflito se manifesta logo no início do conto, quando o herói parece se redimir, implorando pela piedade do leitor e desculpando-se por seus atos, atribuindo-os a um “pequeno oásis de fatalidade, num deserto de erros” (p. 86). Nesse momento do conto, evidencia-se o que Flores da Cunha (1998, p. 82-83) chama de “dicotomia psíquica”, isto é, “a manifestação de um homem dividido em duas naturezas, não raro uma angélica e outra satânica”, ocasionando uma verdadeira “luta entre os dois eus”.

O duplo, em “William Wilson” é, portanto, uma outra voz, ao mesmo tempo débil e forte, que sussurra verdades que o narrador não deseja ouvir. A outra voz não é

compatível com a sua; num acesso de loucura tenta obrigá-la a se calar e num ato insano, chega à auto-destruição.

2.3. Jacobina e a assimilação da máscara

No conto “O Espelho”, o aspecto binário, característico do duplo, subjaz em seu título, pois o espelho possibilita a duplicação de uma imagem. O subtítulo do conto, “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, traz em si embutida a idéia de duplicidade, posto que essa teoria defende a existência de duas almas: uma interior e outra exterior.

No conto “O Espelho”, o narrador também é duplicado. O primeiro narrador apresenta a situação e as personagens. Quando Jacobina é solicitado a emitir sua opinião sobre os assuntos discutidos, ele inicia sua narrativa, em primeira pessoa. Nessa passagem, o primeiro narrador do conto cede espaço a Jacobina, para que ele conte sua história, caracterizando assim, a figura dupla do narrador. Ocorre nesse conto, o procedimento ao qual Todorov (2004, p. 123) denomina **encaixe**:

A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica ‘o eu estou aqui agora’ da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama encaixe.

O protagonista se apresenta com dois nomes: Joãozinho, como era chamado pelos amigos e pela família, e Jacobina, denominação mais recente. Compelido pelos colegas a emitir sua opinião sobre o assunto em discussão, afirma categoricamente não haver uma só alma, mas duas, fazendo, nesta definição da alma humana, uma referência ao duplo.

...o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira..” (ASSIS, 1955, p. 259)

Nessa passagem, o narrador nos faz remeter às origens do duplo, pois, segundo o Gênesis, o homem é inicialmente uno. Platão, em **O Banquete**, revive esse mito, ao se referir à bipartição do homem como um castigo imposto aos homens devido à sua transgressão. A teoria de Jacobina referente às almas contém a idéia da unidade cindida, cujo desmembramento torna o homem mais fraco; entretanto, o equilíbrio entre as partes é vital para a sobrevivência do indivíduo.

A “alma exterior”, da qual fala Jacobina, corresponde em parte ao conceito apresentado por Charles Kiefer (1995, p. 21-22), concernente ao termo **persona**, que equivale à idéia de **máscara** que o indivíduo carrega e que se constitui numa “carapuça simbólica”, a partir da qual são estabelecidas as relações sociais. Segundo essa concepção, a **persona** é, portanto, a **máscara**, que servirá de proteção ao homem em virtude de sua fragilidade. A **persona** está ligada à assunção de papéis, uma vez que ela observa a si mesma e aos outros, pelos papéis que cada qual desempenha na vida social

Jacobina, ao vestir sua farda depois de um longo período de abatimento no sítio, depara-se, finalmente, com sua “**figura integral**” diante do espelho, percebendo que “a

alferidade” (BOSI, 2003, p. 100) fora reconstituída. Desta forma, Jacobina volta a existir, pois se reconhece como “alferes, que achava, enfim, a alma exterior” (ASSIS, 1955, p. 271). Ocorre aqui, uma fusão de vozes: Joãozinho apreende o discurso do outro, incorpora-o a sua própria voz, fortalecendo-se. Mas, ao incorporar essa nova voz, veste por inteiro a farda, “símbolo e matéria de status” (Bosi, 2003, p. 99) e que passa doravante a representar sua máscara, que o protegerá, recuperando sua identidade e restabelecendo a harmonia entre a alma exterior e a alma interior.

Em relação ao conto “O Espelho”, dois trabalhos são relevantes: o de Alfredo Bosi (2003) e o de Raimundo Faoro (1982), esse último publicado em **Várias histórias para um homem célebre**, de Valentim Faccioli.

No artigo “A Máscara e a fenda”, Alfredo Bosi (2003) analisa “O Espelho”. Para ele, a “teoria do papel social”, aparece como formador da percepção e da consciência. O crítico literário faz alusão à passagem de classe, ao aprendizado das aparências. Ao vestir para sempre a farda de alferes e assumir esta nova posição social, Jacobina passa a se sentir **outro**. O autor aborda neste artigo a necessidade da máscara, ou seja, de viver segundo as determinações sociais.

Em “O Espelho e a Lâmpada”, artigo escrito por Raimundo Faoro, o autor faz algumas considerações sobre o conto “O Espelho”, e retorna ao conceito de alma, elaborado por Jacobina. O autor afirma que a “alma exterior” se nutre de suas relações com o mundo, muitas vezes abafando a “alma interior”, isto é, o homem, a natureza humana. É o que ocorre com Jacobina; a deformação de sua imagem refletida no espelho revela, segundo Faoro, uma carga subjetiva e sufoca a autenticidade.

CONCLUSÃO

O homem, ao tomar consciência de si, percebe-se múltiplo, e isso o inquieta, levando-o, a partir de então, a uma busca incessante de algo ou alguém que o complemente, que restitua sua integridade. O mito do duplo levanta a questão identitária nos dois contos; a unidade almejada pelo homem é ilusória; a presença do outro em si mesmo é condição necessária à manutenção da alteridade e, conseqüentemente, ao equilíbrio da personalidade.

Após a realização da análise dos dois contos, podemos concluir que é possível um diálogo entre ambos. O motivo do duplo constitui-se um recurso estrutural, usado pelos autores para ressaltar a fragmentação de suas personagens e sua conseqüente crise de identidade. Há, em ambos os contos, um questionamento sobre a alma humana, que se apresenta, segundo a personagem Jacobina, em seu duplo aspecto: alma exterior e alma interior.

Nos contos “O Espelho” e “William Wilson”, o espelho representa a possibilidade de emergência do duplo e constitui o elemento deflagrador da crise de identidade das personagens.

Os dois contos levantam, em pleno século XIX, a questão da identidade, muito discutida na época contemporânea, e presente não somente nos textos literários, como também nos sociológicos e antropológicos. Stewart Hall (2004, p. 12-13), afirma que a identidade não é algo definido, acabado. Segundo esse autor,

O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque

construímos [...] uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

A crise de identidade se manifesta de forma peculiar para cada personagem: Jacobina acha uma forma de sobreviver, adequando-se a uma farsa: a absorção completa da “alteridade”, que constitui a sua circunstância e que poderá ser alterada a qualquer momento, se for preciso. Essa crise é benéfica para o protagonista; malgrado o sofrimento acarretado, ela atua como fator de reconstrução do indivíduo, que sai fortalecido, preservando sua alteridade. O espelho, para Jacobina, é o elemento desencadeador de sua crise de identidade, mas simboliza também o recomeço, enquanto que para William Wilson, ele atua como o reflexo de sua queda, ou seja, a descoberta de sua unicidade destruída, e é portanto, para essa personagem, o princípio do fim. Desprezar a consciência e eliminar o duplo foi a opção que o protagonista encontrou para não abrir mão de sua irrestrita liberdade de viver, sem se preocupar com as consequências de seus atos. Portanto, no conto “William Wilson”, o aniquilamento do duplo inviabiliza a alteridade.

Apesar dos muitos pontos em comum, cada qual desenvolveu o motivo do duplo a sua maneira. Poe, por preceder Machado no tempo, pode deixar-lhe seu legado. Machado, por sua vez, pelas referências a Poe em seus contos, denota conhecimento da obra do escritor, moldando-a segundo sua maneira peculiar de escrever, permeando seu texto de observações irônicas, revelando assim, seu profundo ceticismo face à natureza humana. O trágico, em Machado, muitas vezes resvala para a ironia, que constitui, juntamente com o humor, um fator determinante na atenuação da tragicidade do conto machadiano.

Nesses contos analisados, Machado de Assis e Edgar A. Poe desnudam suas personagens, revelando seus medos interiores, principalmente a angústia existencial naquele escritor, e o terror da alma, nesse. Suas antenas souberam captar o inquietante estranhamento do homem moderno, vislumbrando o que esse fato acarretaria para a composição de suas personagens.

Ambos deixam seus contos em aberto, procurando insinuar, ao longo do texto, sentidos subjacentes aos da história real, possibilitando, segundo Píglia, o surgimento de uma segunda história, elaborada pelo próprio leitor. Esses autores atingem o efeito almejado, quando o leitor consegue captar o não-dito, ou mesmo os pontos de cruzamento entre as duas histórias, criando, assim, uma outra, e atestando o caráter de duplicidade do conto. Em “William Wilson” e “O Espelho”, trabalha-se, sobretudo, a tensão entre a história real e a secreta, contidas em cada um dos contos, sem apresentar, contudo, uma conclusão. O desfecho, em ambos os contos, retorna à epígrafe, procedendo a um movimento espiralado, de volta às origens do conto.

Machado de Assis e Edgar Allan Poe, ao fazerem uso do motivo do duplo, discutem questões inerentes à condição humana. Seu universo fictício é habitado por personagens complexas e inconclusas, que se revelam parcialmente ao longo do texto, deixando, todavia, uma aura de mistério ao seu redor. Na obra de ambos, a ambigüidade é um elemento constante. A fragmentação, visível na estrutura dos contos e na composição das personagens, reflete a visão desses escritores acerca do homem, no seu sentido universal, e da sociedade em que estão inseridos. É esse indivíduo fragmentado, dividido entre o eu e o outro, que Edgar Allan Poe e Machado de Assis procuram retratar; essa é também a personagem inacabada que circula pela narrativa de Dostoiévski. Em permanente processo, essas personagens alternam momentos de construção e desconstrução.

Suas narrativas não se limitam a um único ponto de vista em relação a fatos e personagens. Nelas, as aparências enganam; o ser e o parecer estão sempre em conflito. Nada é definitivo, conclusivo; o absoluto para Machado de Assis e Edgar Allan Poe inexistem, confirmando, desta forma, o caráter inesgotável de sua obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *O Espelho*. In: **Papéis Avulsos**. São Paulo : Gráfica Editora Brasileira Ltda, 1955
- ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de & PIRES MARTINS, Maria Helena. **Filosofando. Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.
- BRAGA, Maria Lúcia Santaella. *O que em mim sonhou está pensando*, In **Contos de Edgar Allan Poe**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BRAVO, Nicole Fernandez. *Duplo*. In: **Dicionário de Mitos Literários**. Brasília:UNB José Olympio, 1997.
- BRUNEL, Pierre. (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Brasília: UNB José Olympio, 1997.
- BOSI, Alfredo. *A máscara e a fenda*. In: **O enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- CADERMATORI, Lígia. **Períodos Literários**. São Paulo: Ática, 2003.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Moraes, 1984.
- CORTÁZAR, Júlio. *Alguns Aspectos do Conto, Do conto breve e seu arredores*. In: **Valise de Cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. **Machado de Assis. Um escritor na capital dos trópicos**. Porto Alegre: IEL : Unisinos, 1998.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FACIOLI, Valentim. **Várias histórias para um homem célebre. Machado de Assis**. Coleção Escritores Brasileiros. Antologia & Estudos. São Paulo: Ática, 1982.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KIEFER, Charles. **Borges que amava Estela & outros duplos**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1995.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.
- PLATÃO. **O Banquete**, ou, Do amor. Rio de Janeiro. DIFEL, 2002.
- PIGGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- _____. “Teses sobre o conto” In **O Laboratório do escritor**. Ed. Iluminuras. 1994.
- POE, Edgar Allan. *A Filosofia da Composição*. In: **Ficção Completa, poesia & ensaios**. Rio de Janeiro: Aguilar. 1986.
- _____. “William Wilson”. In: **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Bueno Silveira e outros. São Paulo: Victor Civita. 1978.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. “As Estruturas Narrativas” In: **Poética da Prosa**. São Paulo: Perspectiva, 2004.